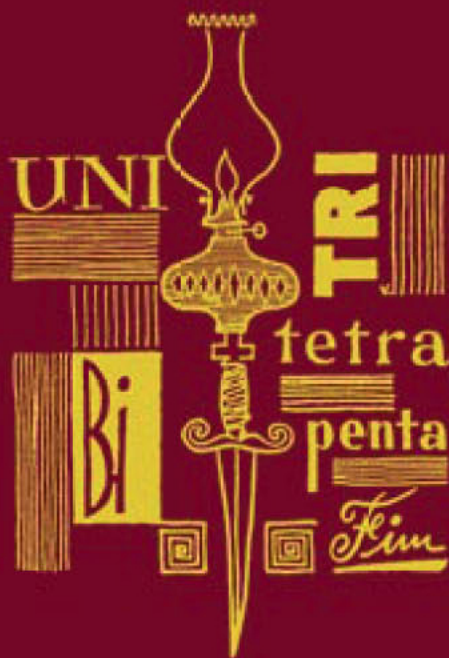


# UNICÓRNIO, ETC.



UNICÓRNIO  
ETC.



MINISTÉRIO DA CULTURA

UNICÓRNIO  
ETC.

Apresentação

JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA

M o s t r a   d o c u m e n t a l

16 de Dezembro de 2006 – 3 de Março de 2007



BIBLIOTECA NACIONAL  
Lisboa – 2006

### **Coordenação**

DIVISÃO DE ACTIVIDADE CULTURAL E CIENTÍFICA

### **Colaboração**

JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA, MIGUEL REAL

### **Sumários e Índices**

MARIA JOSÉ BEATRIZ

### **Revisão**

ROSÁRIO DIAS DIOGO

### **Capa**

VESPEIRA

«Vinheta final». Pentacórnio (Lisboa, 1956)

### **Maquetização e Montagem da Exposição**

DIVISÃO DE RELAÇÕES EXTERNAS

### **Preservação e Conservação**

DIVISÃO DE PRESERVAÇÃO E CONSERVAÇÃO

### **Catálogo na Publicação**

Portugal. Biblioteca Nacional

Unicórnio, etc. : mostra documental, 16 de Dezembro de 2006 a 3 de Março de 2007 / [org.] Biblioteca Nacional ; coord. Divisão de Actividade Cultural e Científica ; apresent. José-Augusto França : colab. José-Augusto França, Miguel Real. – Lisboa : BN, 2006. 85, [7] p., [8] p. il. : il. color.

ISBN 972-565-413-7

978-972-565-413-2

I – Portugal. Biblioteca Nacional. Divisão de Actividade Cultural e Científica

II – França, José Augusto, 1922-

III – Martins, Luís, 1953-

CDU 050(469)"1951/1956"(042)

7/8"19"(01)

017.1(469)

061.4

Introdução à leitura de Uni-Bi-Tri-Tetra-Pentacórnio  
1951-1956  
JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA  
7

José-Augusto França, a década de 50 e as Córnia  
MIGUEL REAL  
25

CONVERSA COM JOSÉ RÉGIO  
33

SUMÁRIOS | ÍNDICES  
63

Índice geral  
87



## Introdução à leitura de *Uni-Bi-Tri-Tetra-Pentacórnio* 1951-1956

*Unicórnio* nasceu na «Brasileira do Chiado», onde muitas outras coisas nasceram ou se geraram, desde meados dos anos 10. Nos seus anos 50, foi já em fim de época, nas transformações de então da cidade, isto é, do Chiado. Em 1960, já nada lá podia nascer.

Fora o *Orpheu*, fora o *Nome de Guerra* e os quadros de 1926, fora a *Variante de 41*, de António Pedro, fora o Grupo Surrealista de 1949, já em terceira geração da modernidade pátria que então terminava. Os novos quadros de 1971, com o grande balcão de pastelaria no café encolhido, foi já um *post-scriptum* sem recuperação possível, e ainda menos o *Pessoa-à-Porta*, em anos 70 ou 88, de outra cidade ou não cidade.

... Começo a escrever estas regras na «Brasileira», por teimosia sem saudade (e acho que sou o único lisboeta que ainda lá, às vezes, escreve), olhando, do outro lado da rua, apodrecer o Ramiro Leão, e lembrando o cinquentenário da revista...

Na «Brasileira», então, veio a ideia do *Unicórnio*, por efeito do convívio com os amigos surrealistas, quando ainda, nas mesas do café, se convivia, lendo o *Diário de Lisboa*, engraxando os sapatos, pagando a bica com gorjeta de dois tostões para acertar a conta, e aguardando horas do eléctrico para casa. Era em 1951. A exposição fora em 49, quase ao lado, outra, do Azevedo-Lemos-Vespeira ia haver em 52, no «Jalco»,



mais abaixo, e, a seguir, foi a «Galeria de Março», logo acima. Havia ainda «São Luís» e «Chiado Terrasse», deve dizer-se. Era época assim e ainda.

Fui eu quem pôs a ideia em movimento e porque a Censura, necessariamente consultada nesses tempos de um país não-legal, não me deixara, à má cara de um capitão pequenino, reformado e de óculos, publicar uma revista mais curial que seria edição da «Confluência» (e esse título adoptaria), empresa suspeita por ser do António Pedro e minha, apesar do *Dicionário de Moraes* que conspicuamente editava, também na vizinhança do Chiado, e pela diligência feita se viu ameaçada.

Seria então, e por minha mais pessoal vontade, e chamando-lhe legalmente «antologia de inéditos de autores portugueses contemporâneos», que é, e edição do autor (da antologia, conforme o código), sem, portanto, ser passível de censura. Periodicidade, taxativa da definição de revista, não tinha: sairia quando saísse, e foram cinco números, entre Maio de 1951 e Dezembro de 1956. O título mudava, como era mister, para iludir a continuidade, e nele se numerava a publicação, em prefixos latinos e gregos de ocasião, por ideia macaca, de manguito às instituições...

Ficava barato, então, publicar, em tipografia, uma revista de 500 exemplares, e outras havia, mais sobretudo de poesia, que apareciam e desapareciam, ao sabor de grupos e apetites – enquanto a *Vértice* e a *Brotéria*, dificultada uma, facilitada outra por suas ideologias, continuavam um curso já antigo que na *Seara Nova* sofria intermitências de aparição. Nenhuma empresa se atrevia a tais aventuras, aliás de público muito reduzido de previsão, nas livrarias do Chiado ou em uma ou outra, mais atreita, pela província fora, passiva e triste, na felicidade do Estado Novo.

A produção, muito economizada, custava pouco mais de 5 contos, e, a 20 escudos por exemplar, com descontos de livraria e aos amigos, ofertas, perdas e extravios, não era recuperável; e só a ajudava uma tiragem especial, em papel e numeração, que um bibliófilo do Porto, o Dr. Álvaro Bordalo, se reservava para negociar. É claro que toda a colaboração era gratuita, nesses anos 50 de dedicada inocência intelectual, sem lucros, nem ilusões profissionais de sempre pouquíssimo mercado. Os saldos das edições foram negativos mas não graves, pelo gosto obtido, e tudo acabou por se esgotar – até aos 250 contos que a colecção dos cinco números veio a alcançar em leilão, se bem que só meio século



DESENHO DE FERNANDO AZEVEDO (MAIO 1950)

*Ilustração de «Unicórnio» — 1951*

Unicórnio. [Lisboa, 1951]  
Desenho de Fernando Azevedo

depois, ou quase. E até à consulta em microfilme, na Biblioteca Nacional, por preciosidade bibliográfica... Uni-Bi-Tri-Tetra-Pentacórnio situou-se na vida cultural portuguesa de uma maneira que deve agora interrogar-se, verificando que foi num momento charneira de gerações, à beira de anos 60 de grandes modificações sociais, logo com a guerra colonial, dinheiro em consumo mais fácil, e o envelhecimento paterno de Salazar.

\*  
\*   \*   \*

Na última página da publicação registou-se o nome de todos os 54 colaboradores que teve, em textos ou ilustrações inéditas, com as respectivas especificações de géneros. Por essa lista se verifica que eles se situam em várias gerações, desde a de Fernando Pessoa, até à de David Mourão-Ferreira, como em várias opiniões, desde a de António Sérgio, até à de António Quadros. Nascida no quadro de uma reflexão ainda e finalmente modernista, com a mais recente criação surrealista que interessava ao seu director, a revista desejou-se, porém, independente de opções e ainda mais de agrupamentos. Não por eclectismo, mas por consciência cultural historicamente situada que, para além de uma participação principal criativa, impôs uma auscultação de opinião nacional sobre vários problemas do tempo presente, que deviam recolher significativa resposta das esquerdas ali preferidas, mas também de direitas existentes, como veremos.

Uma maior proximidade de convívio como de coincidência cultural, fez com que os colaboradores mais assíduos fossem Jorge de Sena, José Blanc de Portugal, Eduardo Lourenço e Fernando de Azevedo, em todos os números – como, naturalmente, o autor; Delfim Santos participou em quatro, como António Pedro e Fernando Lemos; e Vespeira em três números, contando, nos três últimos casos, com textos, desenhos e capas.

O caso de Fernando Pessoa foi de um importante texto inglês inédito trazido por Tomás Kim (que o traduziu e anotou), escrito provavelmente em 1916 sobre Orpheu e o sensacionismo, de que se fez separata do Tricórnio em que apareceu. O caso de António Sérgio (de quem importa igualmente notar a resposta ao inquerito de Bicórnio) situou-se propositadamente à

# UM CAMINHO PARA A POESIA

(A PROPÓSITO DA «PEDRA FILOSOFAL», DE JORGE DE SENA)

*Ao José Blanc de Portugal*

*por*

ADOLFO CASAIS MONTEIRO

**T**ERIAM sido algum dia os mais altos cantos dos poetas objecto de uma recepção sem equívoco nem hipocrisia? Teriam alguma vez os homens acolhido os poetas sem ser por um assentimento tardio, como uma penitência mal-humorada, pagando resignadamente uma dívida? A verdade, mesmo sob a forma da poesia, amarga sempre aos homens, e só a reconhecem pois os que «já estão a caminho», os que por alguma parte de si já abandonaram a conveniente idolatria, indispensável para se viver sem angústia — mas também igualmente sem exaltação.

O caminho de Jorge de Sena (1) arrasta-o através de mais dificuldades do que são de esperar para qualquer outro poeta seu contemporâneo; se a sua poesia decerto encontraria resistência por parte dos leitores de qualquer outra época, que pode ela esperar hoje, quando todos se precipitam a velar o rosto perante os escândalos sucessivos da poesia de Álvaro de Campos e de toda quanta prolonga a linha da procura de uma expressão para o que no homem está para além das canções de embalar, dos mitos com patente registada e à prova de fogo! O pobre do Fernando Pessoa está a pagar bem caro o que esqueceu na sua obra de aparência «cantabile» e inocentemente melódica; todos à compita querem ser discípulos «desse», para melhor se poderem esquecer que ele só é «esse» por também ser o outro, e que não há Fernando Pessoa «ele mesmo» sem Caeiro, Reis e Cam-

---

[1] «Perseguição», Edições «Caderças de Poesias», Lisboa, 1920. «Cerca da Terra», «Lello & Irmãos», Porto, 1925. «Pedra Filosofal», «Editorial Casallustacia», Lisboa, 1930.

seu autor que, por recomendação de Casais Monteiro, ele foi convidado para colaborar em *Unicórnio*) tentou num longo ensaio (o mais longo da revista) fazer a «historiografia existencial do pensamento português», marcando, de entrada, a sua diagnosticada «descontinuidade», para finalmente criticar tal noção, fiando-se na dialéctica complementar da afirmação do pensamento e do vazio em que ele se projecta, isto é, dos textos analisáveis e de tudo o mais que resta saber e que por eles é psicanaliticamente aconselhado. Ensaio de uma grande (e difícil) densidade, ele ficará, sem dúvida, como um dos textos mais desafiantes que então era possível e necessário escrever.

Em *Bicórnio* pretendeu-se realizar uma unidade temática através do «meta-romance». Sade, Carroll, Lawrence, Miller, em textos de Eduardo Lourenço, J. Blanc de Portugal, Jorge de Sena e J.-A. França, participaram no projecto, a que faltou, porém, Kafka e Breton, pedidos a Casais Monteiro e António Pedro, em promessas que tardaram e acabaram por não ser satisfeitas, atrasando a saída do número a onze meses depois de *Unicórnio*. É óbvio que, sobretudo, Kafka faltou à chamada, mas o facto de, pela primeira vez, se publicarem em Portugal estudos sobre o «Divin Marquis» e sobre Henry Miller parece merecer relevo. Sade fora recentemente trazido à leitura pelos surrealistas (que o citaram em *exergue* da sua exposição de 1949) e muito pela antologia de Maurice Nadeau, então editada em Paris, e Eduardo Lourenço discutiu-o através de Maurice Heine, Klossowski e Blanchot, em bibliografia recente também. Sade, de um «cogito negro» que «se realizou sob a forma do Único», do «absoluto» ateísmo... Não teria havido Censura que resistisse a este ensaio, se fosse caso disso... Como também não à atenção pedida para Miller, «o escritor obsceno tipo», que dera ao autor da revista a sugestão do unicórnio como «a ridiculous beast of ancient writ, whose learned brow lengthened into a gleaming phallus» – quando, para António Sérgio, ele era um «animal fabuloso, alvinificante e nobre, símbolo da pureza e dos sentimentos pios, digno da veneração de todos nós» (*Bicórnio*)...

D. H. Lawrence (e com o nome repetido três vezes no título de Jorge de Sena) termina com um poema próprio, «Democracia», de que «o livre sol» é garantia nos homens que, com ele perdido, «não têm direito a existir»... Para Blanc de Portugal, o estudo «para um retrato de Lewis Carroll»



DESENHO DE ALMADA NEGREIROS

Tricómio. [Lisboa, 1952]  
Desenho de Almada Negreiros

## José-Augusto França, a década de 50 e as Córnia

Após a experiência surrealista dos finais da década de 1940 e da publicação do romance *Natureza Morta* (1949), integrado estilisticamente na linha de *Mau Tempo no Canal* (1944), de Vitorino Nemésio – ambos tentativas de superação simultânea dos postulados estéticos do presencismo e do neo-realismo –, a década de 50 constitui-se como uma das mais importantes da vida de José-Augusto França. Nela, o autor, perfazendo os trinta anos, ensaia incessantemente múltiplos e inovadores caminhos existenciais e artísticos, que restringirá, no final da década, partindo para Paris e assumindo-se definitivamente, a partir dos anos 60, como crítico e historiador de arte. Assim, a década de 50 constitui, para José-Augusto França, um intrincado e vibrante cadinho de experiências individuais, sempre dominadas pelo plano estético: algumas ensaiadas e fracassadas, como a de dramaturgo (*Azazel*, 1956) e a de galerista de arte (Galeria de Março, em colaboração com Fernando Lemos); outras, bem sucedidas mas rapidamente abandonadas, como a de editor de poesia (co-editor de *Cadernos de Poesia*, II e III séries – 1951-1953; colaborador de *Árvore* [1951] e do primeiro número de *Cassiopeia*, 1955); outras, ainda, experimentadas mas submergidas por novas opções (como a de crítico de cinema, *Dez Anos de Cinema*, 1960, e a de contista, *Despedida Breve*, 1958); e outras irreversivelmente decisivas, estabelecedoras do seu sentido cultural de vida, como a de crítico de arte (*Amadeo de Sousa-Cardoso*, 1954; *Situação da Pintura Ocidental*, 1959; *Da Pintura Portuguesa*, 1960, recolha de inúmeros artigos jornalísticos publicados ao longo da década de 50) –

mas todas, absolutamente todas, dominadas pelo cunho da inovação estética e do vanguardismo cultural. Ao longo da década de 50, o estatuto cultural do jovem José-Augusto França, desdobrado nas suas múltiplas actividades e facetas, afirma-o como vocacionado para a renovação estética do país, segundo uma absoluta pulsão de vanguarda.

Se se ler a bibliografia de José-Augusto França dos anos 60 a 90 e a compararmos com a sua obra nas décadas de 40 e 50, constata-se a existência de uma fractura assinalada na passagem entre as décadas de 50 e 60, denunciando a existência de dois José-Augusto França – o *jovem*, experimentador, vanguardista, ensaiador de novas atitudes estéticas, tacteando a abertura a diferentes horizontes culturais (o surrealismo, a pintura modernista, o cinema europeu, o teatro existencialista, a nova poesia portuguesa, a nova ficção portuguesa, a ruptura com o mercado de arte português, o ensaio sem dogmas ideológicos...), em que se distingue até à sua partida para Paris em 1959 (35 anos), e o *maturo*, cuja actividade teórica e historiográfica não se evidencia menos ousada e ruptural, inauguradora de um novo período na historiografia da arte em Portugal, mas, agora, restringida à história e sociologia da arte e da cultura, em que se especializara e cuja vastíssima obra lhe preencherá a vida até aos finais da década de 90, quando, de certo modo, jubilado da universidade, retorna aos experimentalismos da década de 50, ensaiando crítica cinematográfica, ficção, crítica urbanística..., tudo envolvido no que teoriza ser um «facto sociocultural».

As *Córnio* pertencem por inteiro, caso não condensem em absoluto, o espírito do *jovem* França. Porém, se o seu estatuto apenas se restringisse a exemplo de vida pessoal, não justificariam o relevo cultural que verdadeiramente possuem. Como o «seu» Almada da década de 20 ou o «seu» António Pedro da de 30, França evidencia-se como a mão ousada que personifica o espírito cultural da década de 50, que, em síntese, tanto se sente nacionalisticamente preso ao terrunho português, quanto é incapaz de esteticamente desviar os olhos da nova Europa pós-II Guerra Mundial.

O que diferencia as *Córnio* das restantes revistas da década de 50? O que as aproxima? Em primeiro lugar, aproxima-as o espírito cultural presente nesta década, em síntese, a tentativa de superação, por via do



grito emblemático «a poesia é toda uma», da herança estética presentista, neo-realista e surrealista, espírito bem espelhado já na *Revista de Portugal* (1938-1940), de Vitorino Nemésio, que frutificará, ao longo da década, em *Árvore* (1951), nas duas últimas séries de *Cadernos de Poesia* (1951; 1952/53), em *Távola Redonda* (1950), em *Cassiopeia* (1955), em *Cadernos do Meio-Dia* (1958), realizando-se, já nos princípios da década de 60, em *Europa* (Urbano Tavares Rodrigues) e *Almanaque* (José Cardoso Pires), anunciando a mentalidade da geração seguinte, expressa em *O Tempo e o Modo* (1963). Em segundo lugar, aproxima-as tanto a ausência de dogma estético fundado no indivíduo (presencismo), na sociedade (neo-realismo) ou no onírico (surrealismo) quanto a abertura à infinidade de possibilidades humanas, despiando o homem e a arte de uma exclusiva e unicitária fundamentação, e estatuinto a liberdade como principal motor e finalidade da sua realização: a supervalorização da liberdade, eis o elemento comum a todas as revistas citadas. Em terceiro lugar, aproxima-as a crença da exclusiva, intrínseca e ontológica autonomia estética do plano da arte, condensada no conhecido pensamento de Eduardo Lourenço – a obra de arte é uma realidade absoluta, fundada sobre o nada ontológico, cristalizando num mundo ficcional (emotivo, abstracto, figurativo, geométrico...) o sentimento de ausência de mundo real, ou, em termos mais simples, a obra de arte tem o seu fundamento em si própria.

Afastadas dos pruridos republicanos e socializantes da *Seara Nova* e da orientação comunista de *Vértice* a partir de 1945 (saída de Eduardo Lourenço e entrada de Joaquim Namorado), as *Córnio* também se diferenciam das restantes novas revistas da década de 50, ainda que com estas partilhem o mesmo novo espírito europeu. Em concreto, o que as diferencia? Em primeiro lugar, as cinco *Córnio*, publicadas entre 1951 e 1956, não personificam a visão conjunta de um grupo de escritores ou pensadores, como é habitual em Portugal, mas a visão pessoal de José-Augusto França, que as apresenta, não como revistas, mas como antologias de textos solicitadas a autores seleccionados pelo próprio – são, assim, indubitavelmente, expressão de um projecto individual sem par em toda a década e, porventura, com raros paralelos na história da cultura portuguesa. Que sentido cultural propõe o projecto pessoal de

# NOTA SERVINDO DE PREFÁCIO

«UNICÓRNIO» não é, escusado será dizê-lo, uma revista. Nem a sua «periodicidade», nem a sua «actualidade» como tal o deixariam classificar. A primeira, não a tem, que é um livro sem seguimento; não lhe diz respeito a segunda, a não ser naquela medida em que os textos e gravuras escolhidos exprimem uma maneira actual de encarar a realidade.

E de a encarar de uma maneira aparentada: entre os autores cuja companhia rigorosamente procurei, existe aquele mínimo parentesco de entendimento de vida que o entender comum da poesia significa — Casais Monteiro e Fernando Azevedo falando sobre poesia, António Pedro e Alexandre O'Neill escrevendo-a, como *Vespeira*, Fernando Lemos e ainda Fernando Azevedo fazendo-a, como plásticos, Jorge de Sena compondo uma peça de teatro.

Ao lado destes, Eduardo Lourenço teoriza sobre o estudo do pensamento especulativo português, Tomaz Ribas pretende definir as portas do romance português. A todos é comum uma orientação filosófica que lhes admite caminhos próprios. Entender aqui, neste momento, de poesia, tem tudo que ver com o saber do comportamento social e intelectual da Nação, através de aspectos complementares.

Outros poetas, ainda, Sophia de Mello Breyner Andresen e Alberto de Lacerda garantem aquele ultrapassamento lírico que fará necessária a poesia entre nós.

Organizador desta antologia, não pedi colaborações — escolhi trabalhos, sugeri temas, de modo que este livro ganhasse uma unidade de meu interesse e, possivelmente, do leitor.

Dessa unidade excluiu-se a ficção e a descrição: nem um conto nem um desenho de paisagem. Aqui, a tipografia teve outra intenção e as gravuras só mostram aquilo para que as artes plásticas realmente funcionam — a criação poética.

Actualidade, então, foi o que se pretendeu — em sentido estrito poderá ser essa actualidade considerada pelo dia da morte de Gide, aqui referido. A Jorge de Sena pedi expressamente que conduísse um inquérito indispensável. A actualidade, porém, que se debruça sobre o túmulo deste homem, está muito para além da data da sua morte — é, antes, a nossa actualidade, e o que através dela se medite encontrar-se-á com o que, por força da ressonância de todas as outras coisas aqui recolhidas, haverá que meditar.

JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA

Unicórnio. [Lisboa, 1951]

José-Augusto França — «Nota servindo de prefácio»

França entre 1951 e 1956, quando é simultaneamente co-editor dos *Cadernos de Poesia*, participa em *Árvore* e *Cassiopeia*, e escreve abundantemente em jornais? Presumimos que o seu projecto se encontra sintetizado na citação que faz de Rimbaud em *Pentacórnio* (31/12/56): «Il faut être absolument moderne», isto é, José-Augusto França intentaria resgatar o genuíno espírito do modernismo de Amadeo, de Santa Rita, de Pessoa, de Almada, de Pacheco, um espírito sem forma nem conteúdo explícitos, concretos, que, europeicamente, nos anos 50, permitisse assumir as novas formas e conteúdos estéticos, ou, dito de outro modo, enterrar os anteriores cinquenta anos de cultura em Portugal (cfr. síntese da primeira metade do século XX em Portugal, em *Tetracórnio*, Fevereiro de 1955), abrindo-a a novíssimas e instigantes experiências estéticas. Em terceiro lugar, e como consequência dos anteriores, as *Córnio* constituem-se como a primeira revista ensaística portuguesa a exprimir, em Portugal, o novo espírito cultural europeu pós-II Guerra Mundial, não o espírito da nova poesia (as novas revistas atrás citadas) ou da nova filosofia (a fenomenologia e o existencialismo constantes dos artigos da bracarense e jesuítica *Revista Portuguesa de Filosofia*, 1945, da coimbrã *Revista Filosófica*, 1951, de Joaquim de Carvalho, e da lisboeta 57, de António Quadros, vinculando o existencialismo ao espiritualismo português), mas do ensaísmo em geral, o ensaísmo sem quê nem porquê, senão levar o pensamento a pensar – um ensaísmo aberto, abertíssimo, cujos pontos de partida e final se encontram apenas limitados pela humanidade existencial do homem; do ponto específico da década, um ensaísmo anti-realista, anti-psicologista, anti-académico e anti-dogmático, ou seja e de novo, um ensaísmo à Almada, à Pessoa e à António Pedro. Em quarto lugar, como síntese concreta das anteriores diferenças, seria forçoso reunir nas *Córnio* toda a juventude poética, pictórica, crítica e ensaística da década de 50 que não se revia já no presencismo, no academismo, no neo-realismo e no republicanismo liberal da I República – eis a causa do imenso caldeirão revolucionário que constitui a totalidade dos seus cinco números, reunindo a juventude cultural de horizonte estético europeu: António Ramos Rosa, José Blanc de Portugal, Rui Cinatti, um Adolfo Casais Monteiro pós-presencista, Sophia, Jorge de Sena, Eduardo Lourenço, Alexandre O'Neill, Tomás Ribas, Alberto de Lacerda, Fernando Lemos,

Fernando Azevedo, o juvenilíssimo Alfredo Margarido, Vespeira, Delfim Santos e José Marinho, David Mourão-Ferreira, o crítico literário nem-presencista-nem-neo-realista José Pedro de Andrade, José Terra, António Quadros, Carlos Eduardo Soveral, Óscar Lopes... e, perfazendo a ponte com o passado, inéditos de Fernando Pessoa, Almada, António Pedro e de um António Sérgio pós-ruptura com a *Seara Nova*. Um impressionante leque de pensamento e arte aberto às novas correntes estéticas europeias! Para compor o imenso ramalhete do novo, apenas falta Eugénio de Andrade. É a cultura portuguesa da segunda metade do século a abrir-se à Europa, anunciando um mundo novo, sem os epígonos de Eça e Camilo, de António Nobre e António Patrício, de Malheiro Dias e Júlio Dantas. Neste sentido, as *Córnio* ressuscitam o «e tudo» que o futurismo de Almada anunciara, ou, em bloco e no campo do ensaio, anseiam ser o quarto número que não houve de *Orpheu*.

Tem José-Augusto França consciência de que a sua iniciativa é tocada pelo furor do novo, anunciando um Portugal que não existe? Em «Nota servindo de prefácio», publicada em *Unicórnio*, Maio de 1951, o autor escreve que «os textos e gravuras escolhidos exprimem uma maneira actual de encarar a realidade» (p. 2), considerando que os autores que participam nas *Córnio* possuem uma «maneira aparentada» de perspectivar a realidade e reitera que «actualidade» (ser «actual») é o que nas suas páginas se pretende registar. Com efeito, o pensamento «être absolument moderne», de Rimbaud, preenche na totalidade a consciência de França e as *Córnio* constituem, na década de 50, a sua maneira de o ser.

Estaria Portugal culturalmente preparado para uma revista «absolutamente moderna»? Não, não estava. Salazar recusara a abertura política pós-II Guerra Mundial, o «perigo vermelho» de Estaline, dividindo a Europa em duas, suavizara o juízo das democracias europeias sobre o regime do Estado Novo, Alfredo Pimenta lançara o grito integralista «o comunismo. Inimigo N.º 1», de novo Portugal se radicalizava, extremava, desenhando um mundo a preto e branco, António Sérgio e Vieira de Almeida lançavam para a arena um general de pensamento inconsistente que ousava declarar que Portugal também era Europa, Portugal merecia ser «absolutamente moderno», Salazar não perdoou, endureceu-se, encarniçou-se e mandou reprimir, repetindo o gesto amordaçante

de princípios da década de 30, fechando-se e fechando Portugal a novo intento de modernidade. O modernismo falhara culturalmente com Pessoa, Almada e Mário de Sá Carneiro, dez anos depois falhara com José Régio, João Gaspar Simões e Branquinho da Fonseca. O terceiro modernismo, o de José-Augusto França, de Jorge de Sena, Eduardo Loureço, teria pior destino – anunciara-se para logo se falhar, esboçado em revistas sem continuidade, ao longo da década de 50. Os seus autores experimentaram o livor da aurora, sem comungarem da claridade da madrugada. Eram netos de avós que maioritariamente o Portugal institucional não reconhecia. Entre a aurora e a madrugada, as labaredas da fogueira da liberdade tinham sido espevitadas, mas o cinzento-escuro dos fatos oficiais do regime político tinha-lhes quebrado o vigor. O fogo da modernidade falhara de novo. No dia 31 de Dezembro de 1956, França fechou o ciclo das *Córnio*, no ano seguinte escreveu um espantoso *Primeiro Diálogo sobre Arte Moderna*, resgatou o seu «amigo» Amadeo narrando-lhe a obra, publicou um conjunto de contos, que intitulou, bem a propósito, *Despedida Breve*, e partiu, certamente tão falhado quanto Portugal estava. Um dolente sentimento de amargura devia cobrir-lhe as faces – França presumia ter falhado a sua juventude. Afinal, cumprira apenas o permanente ritual de iniciação do intelectual português, de Sá de Miranda a António Damásio, de Camões a Agostinho da Silva. França, agora, não era só França, tornara-se a personificação da imagem permanente da cultura portuguesa, de Francisco Sanches e padre António Vieira a Alexandre Herculano e Almeida Garrett, de Damião de Góis a Eça de Queirós, de João de Castro neto a Sampaio Bruno, Eduardo Lourenço e António José Saraiva, buscando Portugal fora de Portugal, como Ulisses penitente buscando a sua Ítaca – foi encontrá-la em Paris. As *Córnio* fechavam, o jovem França morria, nascia o especialista em arte. O fato cinzento que vestia Portugal entrava em guerra, enlutando o país e bloqueando a modernidade... até à «inteira madrugada» em que de novo o espírito das *Córnio* saiu à rua, em 25 de Abril de 1974.

Fontanelas, 23 de Agosto de 2006

Miguel Real



CONVERSA COM JOSÉ RÉGIO

# POST-FACIO

## A TODA A OBRA

### OU

#### «DE PAR MA CHANDELLE VERTE»

**E**STE é o último número duma revista que falhou. Eu explico.

O «Unicórnio» foi publicado em 1951, e pensava eu então em fazer sair de três em três meses um número; ou só três por ano, ou apenas dois, como depois fui levado a projectar. Ao fim de quase seis anos, saíram cinco números. Nem anual foi. Ao mesmo tempo, outras revistas foram aparecendo e desaparecendo em números mais baixos, a maior parte delas. Escusado será dizer que nenhuma consolação tiro desse facto — mas dele tenho que tirar ajuda para a lição que veremos.

Dizia eu que esta revista falhou. Tive, nisso, inevitáveis culpas, é claro. Mas muitas não as tive eu, e outras, embora as tivesse tido, não serão minhas. As primeiras conheço-as mal. Má direcção? Naturalmente, sim. Demasiada ambição? Isso com certeza.

A demasiada ambição que foi um defeito confessado, vai porém de mim para os outros, e finalmente assenta nos colaboradores da revista. Escolhi os que escolhi e dentro das amplas, livres e actuais opiniões europeias que se pretendia propôr e discutir, poucos escolhíveis ficaram de fora destas trezentas e tantas páginas publicadas. Não me queixo, evidentemente nem de uns nem de outros, mas dos terceiros — daqueles que não podiam caber na revista. Porque se eles pudessem ali caber seriam mais e suficientes os primeiros — e a revista não acabaria.

Acabou ela então, por falta de colaboradores. A colaboração voluntária que ao longo da sua publicação fui recebendo, estava fora do que se pretendia,



Post-fácio  
a toda a obra ou «de par ma chandelle verte»

JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA

Este é o último número duma revista que falhou. Eu explico.

O *Unicórnio* foi publicado em 1951, e pensava eu então em fazer sair de três em três meses um número; ou só três por ano, ou apenas dois, como depois fui levado a projectar. Ao fim de quase seis anos, saíram cinco números. Nem anual foi. Ao mesmo tempo, outras revistas foram aparecendo e desaparecendo em números mais baixos, a maior parte delas. Escusado será dizer que nenhuma consolação tiro desse facto – mas dele tenho que tirar ajuda para a lição que veremos.

Dizia eu que esta revista falhou. Tive, nisso, inevitáveis culpas, é claro. Mas muitas não as tive eu, e outras, embora as tivesse tido, não serão minhas. As primeiras conheço-as mal. Má direcção? Naturalmente, sim. Demasiada ambição? Isso com certeza.

A demasiada ambição que foi um defeito confessado, vai porém de mim para os outros, e finalmente assenta nos colaboradores da revista. Escolhi os que escolhi e dentro das amplas, livres e actuais opiniões europeias que se pretendia propor e discutir, poucos escolhíveis ficaram de fora destas trezentas e tantas páginas publicadas. Não me queixo, evidentemente nem de uns nem de outros, mas dos terceiros – daqueles que não podiam caber na revista. Porque se eles pudessem ali caber seriam mais e suficientes os primeiros – e a revista não acabaria.

Acabou ela então, por falta de colaboradores. A colaboração voluntária que ao longo da sua publicação fui recebendo, estava fora do que se pretendia, e só raras vezes acertou. A outra, pedida, transformou-se num pesadelo – meu que tinha que lembrá-la aos convidados, e deles que se afligiam-se só de o saber. Para que o pesadelo não se transformasse por seu lado em obsessão, houve que espacejar os números, e acabar com eles, por fim.

Culpa dos colaboradores, afinal, não de serem poucos mas de não produzirem mais? É claro que assim é, mas na aparência somente. Seria realmente cómodo deter aí as razões de a revista acabar – mas a conclusão seria enganosa e injusta.

Os colaboradores possíveis eram poucos, e não trabalhavam bastante, e prometiam e faltavam, e fizeram atrasar e gorar números inteiros da revista? É verdade. Mas porque haviam eles de trabalhar mais?



Aqui de novo se deve falar em ambição. O que eu pretendia nesta revista era verificar que estes anos de passagem do meio século, após uma guerra terrível em si e nas suas consequências europeias, se traduziam em Portugal por uma *consciência do tempo*. Isto é, que, à sombra da guerra dos outros, pudéramos ter aprendido alguma coisa, sobre a moderna significação humana. Que sacudidos também no terror da terra, passáramos a entender outras vozes, outras aflições, outros sonhos, passáramos, enfim, a participar noutros desesperos, noutras esperanças, noutras ilusões. Que, em resumo, assumíramos um comportamento europeu.

A tomada de posição duma geração intelectual entre 39 e 45, ingénua que tivesse sido, a agitação da vida nacional ao termo da guerra, o movimento surrealista logo a seguir, coordenado com a tentativa do seu renascimento francês – tudo isso era de molde a poder fazer pensar que alguma coisa tinha acontecido ou ia acontecer.

Por outro lado, o proposto desenvolvimento duma filosofia portuguesa, virando-se embora atlanticamente, que é o lado contrário e vazio da Europa, parecia poder, no diálogo possível, servir de contraponto activo na luta de acesso a uma consciência moderna e europeia. Passaram seis anos, cinco



Unicórnio. [Lisboa, 1951]  
Linóleo de Vespeira

## Breves considerações mais ou menos sensatas sobre a pretensa falência de uma revista

JOSÉ RÉGIO

Com «Pentacórnio» se extinguiu uma revista que José-Augusto França dirigiu – «Uni-bi-tri-tetra-pentacórnio» – e que, segundo o seu próprio director, falhou. Creio ver como toda a gente que quase sempre se inclina José-Augusto França para um pessimismo que, por vezes, chega a desautorizar os seus juízos. Tal pessimismo, ousado considerá-lo demasiado humoral, demasiado particular, demasiado preconcebido. Assim me parece restringir a personalidade dum dos nossos mais interessantes ensaístas. Exigente e ambicioso, como se reconhece ele próprio; também, às vezes, hermético no exprimir-se – nem bem chega a saber-se o que sonhou José-Augusto França para a sua revista. Uma coisa, porém, confessa ter ele sonhado que não pôde ser cumprida: a assiduidade ou regularidade do seu aparecimento. Será isto o mesmo que haver a revista falhado? Ou, generalizando: quando é que falha uma revista?

Claro está que todas as revistas falham, se duma revista se espera o que a ultrapassa: renovação ou transformação duma colectividade, qualquer que seja.

Também toda a revista é, por natureza, provisória ou efémera. Decerto as há que se prolongam muitos anos. Uma de duas coisas acontece em tal caso: ou se repete a revista, sobrevivendo-se, e então se tornará inú-

til; ou evoluciona, acompanhando os tempos, e deixa de ser, ao longo da sua duração, a mesma revista. Falta acrescentar que a realização da primeira hipótese quase se torna inconcebível, por quase ser impossível conceber uma real repetição do quer que seja feito por gentes vivas que forçosamente se substituirão. Repitamos, pois, que toda a revista é provisória ou efémera. Pode, sim, durar mais ou menos tempo. Como pode uma que termine breve – na verdade significar mais, influenciar mais, durar mais, do que outra que longamente se arraste. Como pode, também, ser necessário (depende da natureza da revista) que esta continue o bastante para se afirmar. A «*Seara Nova*» não poderia exercer a sua acção em poucos números. Mas dois números de «*Orpheu*» – revista que de modo nenhum falhou – ainda hoje vivem e exercem acção.

Se revelou, trazendo-as a público, umas certas personalidades que, depois, continuam trabalhando e levantem uma obra; se manifestou um certo espírito comum que persiste para além dela, revista; se foi testemunho vivo da mentalidade, sensibilidade e imaginação quer de um grupo quer um momento, doutrina ou corrente cuja importância venha a ser reconhecida como alguma; até se meramente arquivou alguns trechos que, reunidos, são uma pequena antologia –, como dizer-se, em verdade, que uma revista falhou, a não ser que dela se espere o que é demasiado complexo para depender duma revista?

Segundo José-Augusto França, a revista «*Uni-bi-tri-tetra-pentacórnio*» acaba por falta de colaboração. Ora tal falta de colaboração afigura-se-me ter duas razões. Primeira: José-Augusto França não admite quaisquer colaboradores, mas tão-só os que ele escolhe. Por mim, não posso senão aplaudir tal posição! Demais tendem hoje as publicações literárias (desde as páginas literárias dos jornais à revista e ao livro) a desistir duma selecção que a actual pseudo-democratização da cultura torna cada vez mais urgente. Simplesmente, o número dos colaboradores já fica, assim, limitado. Os seus nomes terão de se repetir. Recordemos, agora, que Portugal é uma nação com uma reduzida população culta – uma pequena nação de tal ponto de vista – embora haja nações muito mais populosas relativamente menos cultas. Naturalissimamente resulta ser bem reduzido o número das nossas personalidades de escol. E aqui há-de intervir a segunda razão, que aliás é hipotética. Em verdade ignoro se a revista de

José-Augusto França pagava colaboração. Se parto do princípio de que não, é por me parecer bem difícil manter-se, pagando aos colaboradores (e até só durante cinco números), uma revista de arte ou pensamento assim excelentemente apresentada. Ora, no geral, os escritores portugueses são pobres. Trabalham para viver, acumulando uma profissão que lho permita, uns trabalhos mais ou menos literários que aumentem um pouco os seus fracos recursos financeiros, e a criação livre, dolorosa e gostosa. Nesta situação, fatal a um pequeno país – escasseia-lhes tempo e disposição de espírito. Qualquer colaboração gratuita se lhes tornará, pois, importuna e penosa, não podendo, por certo, ser eles muito assíduos nessa generosidade. Sem dúvida lamentaremos tal situação, tais circunstâncias. Mas poderão ser muito diferentes num país de população reduzida – pelo menos de reduzida população leitora –, e cuja literatura é indiferente às outras nações cultas?

Haver, pois, *falhado* a revista de José-Augusto França por falta de colaboração – não me parece que prove seja o que for que nos faça desesperar da mentalidade portuguesa. Simplesmente resulta das circunstâncias. Provaria, sim, algo de desesperador – e aceitando-se, como aceito, que os colaboradores escolhidos por José-Augusto França pertencem ao escol da mentalidade portuguesa – o revelarem os cinco números da revista em causa uma irremediável inferioridade de colaboração. Será este o caso? Não me parece. Antes me parece que os cinco números dirigidos por José-Augusto França, e por mais pessimista que seja a posição pessoal dos seus colaboradores, documentam com brilho que uma boa revista portuguesa não é inferior a qualquer boa revista estrangeira. Só o provinciano pasmo de muitos nacionais perante o «*lá-fora*» – aqueles para quem o Camus é a suma essência da mentalidade europeia, e os medíocres dramaturgos americanos formidáveis criadores – não consegue ver a inexistência de abismos formidáveis entre o escol mental português e o estranho. Bastaria o interesse da colaboração inserta em «*Uni-bi-tri-tetra-pentacórnio*» para de modo nenhum haver sido inútil o esforço de fazer vir a público estes números.

JOSÉ RÉGIO



Tricómió. [Lisboa, 1952]  
Desenho de Fernando Lemos

## O «Pentacórnio» e o pessimismo

JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA

A José Régio, meu prezado Camarada:

Li, agradecidamente, no «Diário Popular», as suas considerações sobre o «Uni-Bi-Tri-Tetra-Pentacórnio» e a sua falência. «Pretensa falência», diz com gentileza o título do seu artigo, que classifica de «mais ou menos sensatas» as considerações. Com o «pretensa» estou, como sabe, em desacordo – e se muito mais do que menos sensatas lhe acho as palavras, aceito ou reivindico que seja insensatez minha o teimar em supor real a falência verificada.

É que elas são sensatas, as suas considerações, prezado José Régio, mas parecem-me marginais ao fundo da questão. E marginais por optimismo, permita-me que lho diga, devolvendo-lhe assim a bola que me atirou, do «pessimismo» – a mesma bola, é claro, que andando de um lado para o outro, toma os dois nomes do mal-entendido. Será o José Régio optimista? Eu, pessimista é que não sou – por falta de disposição e de tempo. Duas ou três vezes por ano começo a andar triste, a achar menos divertidas as caras tristes da «Brasileira» – e então, de remédio, tomo o comboio, e Pirenéus, para que vos quero?... Nem pessimista nem amargo, que é a forma doméstica do pessimismo em que, um após outro, por excesso de tempo, toda a gente vai tombando por cá. Se,





Tricómio. [Lisboa, 1952]  
Desenho de Fernando Lemos

Pensar «de dentro» ou «de fora»  
«para dentro» ou «para fora»

JOSÉ RÉGIO

A José Augusto França, prezado camarada:

Não tenho qualquer intuito de polémica nesta carta. Pelo menos, dela quereria muito sinceramente eliminar qualquer intuito de polémica. Todos somos, hoje, talvez por demais polemizantes; – e, embora a polémica tenha o seu papel cultural, nenhum mal nos fará limitarmo-nos, de vez em quando, a exprimir o pensamento próprio sobre dada questão. Assim me não proponho, hoje, contraditar quem ou o quer que seja, mas tão-só expor, o melhor que puder dentro dos acanhados limites dum artigo, o que penso eu próprio sobre isto do pensar *de dentro para dentro*, de *dentro para fora*, de *fora para dentro*. Com toda a razão diz, ou deixa perceber, o meu Amigo que este é que é o ponto capital da questão que nos está interessando.

Bem certo que, no mero expor quem quer que seja o quer que pense sobre seja o que for, – está implícita uma oposição, ou uma contradição, ou uma correcção, ou uma confirmação, etc., ao pensamento de outrém, aos pensamentos de outros. A isto não posso eu fugir; – e facilmente me apercebo de que, neste ponto do pensar *de dentro* ou *de fora* nos desencontramos; ou ainda nos não encontrámos; ou nunca nos encontraremos. «Facilmente me apercebo...», digo. E logo penso que também

outra hipótese não devo repudiar, pois todas são dignas de atenção no complicado caso do entenderem-se ou desentenderem-se as pessoas: a de ser antes uma deficiência de expressão, ou uma incompreensão do pensamento alheio, ou um não suficiente aprofundamento do problema, que leva a um superficial desencontro. Aliás podemos ainda aceitar que até desencontrando-se num ponto importante, livres ficam dois homens de se encontrarem noutros pontos, porventura não menos notáveis.

Posto o que vejamos: que penso, eu próprio *do pensar*? Antes de mais nada, – e interrogando-me e respondendo com toda a ingenuidade – que todo o pensar é *DE DENTRO*: de dentro dum indivíduo, duma nação, duma cultura, duma época, embora alcance a intemporalidade e a universalidade na medida em que transcenda tais limites; – mas os transcenda não por nenhuma deliberação da vontade superficial e particular, não por nenhuma pressão exterior, antes por uma força intrínseca (permitido me seja chamar-lhe misteriosa e graciosa) que faz com que, precisamente, só ao íntimo pensamento individual, só ao profundamente pensado por um indivíduo, seja dado alcançar o que transcende a particularidade do mesmo indivíduo. Foi isto dito, quanto à literatura, por André Gide, quando disse que as obras mais nacionais eram, do mesmo passo, as mais universais; as mais internacionais, digamos. Creio haverem sido expressos, de vários modos, por vários pensadores, pensamentos idênticos; e mais ou menos haverem sido aceites, posto que também, muitas vezes, esquecidos.

Empenho-me em salientar que, dizendo *de dentro dum indivíduo*, ou falando *dum indivíduo*, digo *de dentro dum país*, duma cultura, duma época ou falo *dum país*, duma cultura, duma época. Se, por excepção, um indivíduo português é mais francês que português, decerto pensará *de dentro* da França, nem que esteja em Portugal. Como pensará *de dentro* de Portugal, nem que esteja em França, logo que verdadeiramente seja português. Prolongando o exemplo: se, por excepção, um indivíduo do século vinte pertence menos ao século vinte do que ao dezasseis, naturalmente pensará mais *de dentro* do século dezasseis que do vinte.

Portanto: salvas as excepções, ninguém, em Portugal, pode pensar validamente – senão *de dentro* de si próprio; *de dentro* de Portugal; *de dentro* da cultura portuguesa; *de dentro* do seu tempo. Nascem as excep-

ções de que pode Portugal, ou a cultura portuguesa, ou a época, não interferirem suficientemente na individualidade do indivíduo pensante. Assim todo o pensamento que não venha *de dentro* será inválido, insincero, incerto, – ou só válido por conta alheia: o que fará com que não possa ser senão imperfeitissimamente expresso, por, antes de mais nada, não poder haver assimilação perfeita do quer que não seja nosso, ou também nosso.

Ora aqui me dirão: mas não poderá o *ir fora* enriquecer uma personalidade, uma pátria, uma cultura, uma época? Decerto! Decerto, – mas só em grau; ou no acidental; nunca no essencial. Facilmente se pode verificar que às vezes o *ir fora* não só não aproveita, como até se torna prejudicial, a uma personalidade de fraca resistência. Alguns dos nossos artistas plásticos, por exemplo, vão ao estrangeiro e, em vez de alargarem, aprofundarem, enriquecerem a sua personalidade artística ao contacto dos grandes exemplos e pela meditação das grandes obras, – só de lá trazem maneirismos servis... além duma petulância chocante. Com isto não pretendo condenar o intercâmbio cultural, ou negar a fecunda interinfluência das personalidades, das obras, dos estilos. Mas toda a evolução ou revolução é um facto íntimo, natural, que o *ir lá fora* pode ajudar ou precipitar – nunca gerar senão artificialmente. Sair de Portugal, muito bem!, mas com Portugal dentro de si, – se em verdade se é português. Creio, pois, que é *de dentro* de Portugal, *de dentro* da cultura e do tempo portugueses, *de dentro* de si próprio, em suma, que validamente pode pensar um português que pense, profundamente sentir um português que sinta, fertilmente imaginar um português que imagine. E que só assim pode pensar, sentir, imaginar, tanto para dentro como para fora, e sem que isso o impeça quer de entender o alheio, quer de ser dele entendido.

Com isto chegamos à questão do pensar *para dentro* ou pensar *para fora*. Decerto pode quem pensa – pensar para dentro. Isto é, suponho: pensar para si, para o seu país, para a cultura em que se integra, para o seu tempo. Mas todo o pensar (como o sentir) numa direcção limitada, não pode deixar de ser um caso do pensar para fora. Quando um indivíduo pensa só para si, ou para o seu país, ou para o seu tempo, não faz senão aplicar a um campo restrito aquilo que, se o pensamento é válido, isto é:

Unicórnio, etc.

se tem condições de intemporalidade e universalidade, possuirá aplicação a muito mais largo campo. Aliás, pelo próprio significado do verbo exprimir, todo o pensar que se exprima é um pensar para fora.

Resumindo: todo o válido pensar expresso me parece um pensar *de dentro para fora*. Toda a recusa, feita a quem quer que seja dum pensar de dentro para fora, me não parece mais que uma negação da validade do seu pensamento.

E eis o que sobre a questão posso dizer nos limites dum artigo, isto é havendo de cingir-me a um apontamento – e consciente de que os pensamentos a que dou esta expressão simplista exigem correções, desenvolvimento e aprofundamento. Se me permite mais uma semi-falhada tentativa de síntese, direi que, no meu entender, nada de exterior ao indivíduo o pode ensinar a pensar, a sentir, a imaginar ou fantasiar, – e que o *ir fora* só pode, talvez, apressar ou completar um tanto o que, de qualquer modo, viria ele a saber, ou já sabia.

E, com muita estima, sou o seu camarada obrigado,

JOSÉ RÉGIO

## Pensar dentro e pensar fora

JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA

A José Régio, meu prezado Camarada:

As suas considerações, no «Popular», sobre o pensar «de fora para dentro», ou ao invés, apanharam-me já de abalada para uma viagem saltitante pela Toscana – e só agora, no repouso domingueiro numa praça de Cremona, posso escrever-lhe com o assento devido.

Faço-o com todo o gosto, e é claro que sem polémica nenhuma – e faço-o logo para concordar consigo, meu prezado José Régio, neste preceito humano e humanista que nos ensina que, mesmo discordando irremediavelmente num ponto, em todos os outros, ou em muitos outros, os homens podem encontrar-se. Não procuro, pois (de resto a si coube levantar a discussão) o ponto de discordância, por simples desejo de questionar, mas porque à volta dele vários problemas, possivelmente graves, nascem e se penduram – merecedores até de análises mais profundas do que estas de artigos de jornal. Graves são eles para todos nós: os que julgam pensar «de dentro para fora» e os que pretendem fazê-lo «de fora para dentro».

De acordo consigo, também, e imediatamente, quando diz que só a primeira forma é válida. E tão válida, e somente, a julgo, que a ela pretendo chegar. Válida porque definitiva, desse carácter definitivo, tirando justamente a validade. Quero dizer que, quando se pode pensar assim,

«de dentro para fora», definitivamente se organiza o pensador, ou seja a nação-pensante.

«Definitivo» é aqui (aqui e em toda a parte) uma palavra perigosa, que tem de ser dinamicamente encarada. Organizar-se definitivamente, quer dizer sujeitar-se a este jogo temporal de fazer-desfazer-fazer, de todas as nações, de todas as culturas, de todas as vidas, em suma. A isso chamo eu eternidade, que é o contrário da atemporalidade resultante dum «definitivo» estaticamente entendido – dum «chegar ali e parar», duma negação do tempo que fique somente alheio!

Pensar, então, «de dentro para fora» implica uma realização dinâmica, um existir vivo, uma consciência temporal.

O tempo é como o Sol: é para todos quando nasce, mas cada qual o vê de ângulos diferentes e a alturas várias, conforme a sua própria geografia. O tempo é, por assim dizer, nacional, mas sobrepõe-se às nacionalidades. O «tempo francês», hoje, não é igual ao americano, mas ambos contribuem para o que se chamará «tempo actual», espécie de somatório estrelar do tempo de cada nação.

Nesse somatório, porém, valerá a pena dizer que não participam os tempos das nações que não o têm? Imagine o José Régio um tempo de Liechstenstein, este pequeno grã-ducado de opereta, que por artes extravagantes, existe há duzentos anos e sobreviveu a duas guerras universais. Escolhi um caso extremo e quase caricatural, de propósito. Que tempo tem Liechstenstein, a não ser o atmosférico que para lá empurra ou de lá afasta o turista ocioso? Não, o tempo de Liechstenstein não entra no «tempo actual» – e a prova é que nenhuma grande obra de arte ou de pensamento de lá sai ou jamais saiu. E ambos estamos certamente de acordo em achar que são tais obras que revelam e propõem a «consciência do tempo».

... Ontem, à tarde, como tanto gosto de fazer, de novo me sentei diante de Florença, na macieza verde das colinas de Fiesole. É a mais bela paisagem que conheço, muito límpida e, ao mesmo tempo, estranhamente excitante, com este saber que lá em baixo, estendida à beira do Arno, está uma cidade que contém o mais puro conjunto de provas do humano poder de criação, num dado momento.

«Num dado momento», repare o José Régio.





## SUMÁRIOS | ÍNDICES



## Importância dos índices de revistas na recuperação de informação

Um índice é, por definição, uma listagem pormenorizada de elementos que identificam o conteúdo de uma publicação. Tal listagem respeita determinados critérios de ordenação, que tornam mais fácil a sua localização na publicação e até no próprio texto.

O índice é, pois, o fio condutor que nos pode levar à descoberta de novos conteúdos e de novos autores, e a recuperar muita da informação avulsa que, de outro modo, se tornaria inacessível e subtraída ao património das actuais gerações e das gerações vindouras – um verdadeiro motor para o fomento da investigação e para a promoção, divulgação e debate de novas ideias na sociedade do conhecimento.

A actual pulverização de obras, aliada a uma cada vez maior densidade das mesmas, tem conferido particular importância à ordenação do índice, que nos aparece nos dias de hoje com maiores exigências no plano do seu detalhe, desdobrando-se numa informação mais concisa e, simultaneamente, sintética, sobre diferentes temas e pessoas, designações geográficas e nomes de lugares ou referências a acontecimentos.

Tal desiderato reclama um trabalho progressivamente mais especializado ao nível da indexação, por forma a facilitar o acesso aos conteúdos e aos respectivos autores.

Este facto, sobretudo no domínio das revistas especializadas, tem permitido recuperar informação muito valiosa, com pesquisa apoiada pela crescente utilização de meios tecnológicos adequados.

E, com a recuperação dos conteúdos, recuperam-se e (re)descobrem-se, também, os seus autores, muitos deles esquecidos na voragem do tempo e que, de outro modo, permaneceriam «sepultados» nas longas estantes das nossas bibliotecas.

A tal propósito, a Biblioteca Nacional tomou a iniciativa, integrada na mostra das antologias «Unicórnio, Bicórnio, Tricórnio, Tetracórnio e Pentacórnio», por ocasião dos 50 anos da sua publicação, de promover a elaboração dos seus índices, à semelhança do que outras instituições e autores já fizeram com outras publicações, como a revista *Brotéria* (Maria Alzira Proença Simões – *Índice geral da revista «Brotéria», 1953-1954*. Exemplar fotocopiado), *Revista Ocidente* (Maria Teresa Falcão Cruz e Silva – *Índices: onomástico e didascálico dos XV primeiros volumes da Revista Ocidente*. Exemplar fotocopiado), *Revista Lusitana* (*Índices da Revista Lusitana*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, 1967), *Estudos de Castelo Branco* (*Relação onomástica dos índices da revista «Estudos de Castelo Branco», Castelo Branco: Câmara Municipal, 1979*) *Presença* (Carlos Santarém Andrade – *Presença, uma revista, um movimento...* Coimbra: [s.n.], 1980), *Colóquio* (*Colóquio: Revista de Artes e Letras: 1959-1970: Índices de autores, de matérias e bibliográfico*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1981) e *Revista da Faculdade de Letras* (*Índices dos 50 anos da Revista da FLL – 1933/1983*. In: *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*, Lisboa, Dez. 1983).

Nessa conformidade, apresenta-se, em primeiro lugar, o sumário de cada uma das publicações. As revistas foram numeradas (I, II, III, IV e V) e aos artigos foi atribuído um número sequencial, a fim de os autores e artigos poderem ser recuperados para a elaboração dos índices: onomástico (de colaboradores e de pessoas referidas nos títulos dos artigos), de títulos e de ilustrações.

Maria José Beatriz

## «UNI - BI - TRI - TETRA - PENTACÓRNIO»

publicou colaboração inédita de :

### POESIA

ALBERTO DE LACERDA (I, V), ALEXANDRE O'NEILL (I, V)  
ALFREDO MARGARIDO (II), ALMADA NEGREIROS (III), ANTONIO PEDRO (I)  
FERNANDO LEMOS (II), FERNANDO MARÇAL (V), J. GENTIL DA SILVA (III)  
JORGE DE SENA (V), JOSÉ BLANC DE PORTUGAL (III), JOSÉ TERRA (V)  
RUY CINATTI (V), TOMAZ KIM (V)  
SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN (I), VESPEIRA (III)

### ENSAIOS E ARTIGOS

ADOLFO CASAIS MONTEIRO (I), ANTONIO PEDRO (II, III),  
ANTONIO SÉRGIO (V)  
DAVID MOURÃO FERREIRA (IV), EDUARDO LOURENÇO (I, II, IV),  
FERNANDO AZEVEDO (I, III), FERNANDO PESSOA (III)  
JOÃO PEDRO DE ANDRADE (III), JORGE DE SENA (II, IV)  
JOSÉ AUGUSTO FRANÇA (I, II, III, IV, V), JOSÉ BLANC DE PORTUGAL (II)  
MÁRIO FERNANDES FERRO (V), TOMAZ KIM (III), TOMAZ RIBAS (I)

### TEATRO E FICÇÃO

JORGE DE SENA (I, III), JOSÉ AUGUSTO FRANÇA (III)

### DESENHOS (BOIS-TEXTE)

ALMADA NEGREIROS (III), ANTONIO PEDRO (II),  
FERNANDO AZEVEDO (I, V), FERNANDO LEMOS (I, V), VESPEIRA (I, V)

### ILUSTRAÇÕES E VINHETAS

FERNANDO AZEVEDO (II), FERNANDO LEMOS (III), JÚLIO (IV),  
VESPEIRA (I, V)

### CAPAS

AZEVEDO, LEMOS E VESPEIRA (I), F. AZEVEDO (IV), F. LEMOS (II, V)  
VESPEIRA (III)

&

recolheu respostas aos seguintes inquéritos, ou temas propostos :

ANDRÉ GIDE (I), CULTURA PORTUGUESA (II), LIVROS DO MEIO SÉCULO (IV)

PARA UM CONCRETO DE «HOMEM REVOLTADO» (III), PARA UM CONCRETO DE MODERNIDADE (V)

A. CASAIS MONTEIRO (I, II, V) AFINSONO BOTELHO (II), A. J. COSTA PEMPÃO (II)  
ALBERTO DE LACERDA (IV), ALEXANDRE O'NEILL (I), ALVARO RIBEIRO (II)  
ANTONIO PEDRO (III, IV), ANTONIO QUADROS FERRO (IV, V), ANTONIO SÉRGIO (I, III,  
ARMANDO VENTURA FERREIRA (IV), CARLOS EDUARDO DE SOUZA (V)  
CASTRO SOROMENHO (IV), COSTA BARRETO (IV), DAVID MOURÃO FERREIRA (IV)  
DELFIN SANTOS (I, II, III, V) EDUARDO LOURENÇO (I, II, III, V) EUGENIO DE ANDRADE (IV)  
FERNANDO LEMOS (V), FERNANDO SAMORA (IV), FERREIRA DE CASTRO (IV)  
HERNANI CIDADE (II), JOÃO PEDRO DE ANDRADE (IV), JOAQUIM DE CARVALHO (II)  
JOEL SERRÃO (II, IV), JORGE DE SENA (I, II, III, IV, V), JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA (I, II, III, IV, V)  
JOSÉ BLANC DE PORTUGAL (I, II, III, IV, V), JOSÉ GOMES FERREIRA (IV)  
JOSÉ MARINHO (II, III), JOSÉ OSÓRIO DE OLIVEIRA (VI), JOSÉ RÉGIO (I, II)  
LUIZ-FRANCISCO REBELO (IV), MÁRIO DEONÍSIO (IV), MIGUEL TORGA (II), OSCAR LOPES (V)  
SANT'ANA DIONÍSIO (II), TOMAZ RIBAS (IV), URBANO TAVARES RODRIGUES (IV)  
VITORINO NEMÉSIO (I, II)

&

reproduziu quadros e desenhos de :

JAIME CORTEZÃO (VI), SANTA RITA PINTOR (IV), VESPEIRA (IV)

# UNICÓRNIO

ANTOLOGIA DE INÉDITOS DE AUTORES PORTUGUESES CONTEMPORÂNEOS

ORGANIZADA POR

JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA



## *Incluindo*

- UM CAMINHO PARA A POESIA, *por Adolfo Casais Monteiro*  
INVOCACÃO PARA UM POEMA MARÍTIMO, *por António Pedro*  
O PRETEXTO DE AZAZEL, PRECEDIDO DE A CRIANÇA REVOLTADA  
& A PEDRA OCASIONAL, *por José-Augusto França*  
SITUAÇÃO DE PINTURA, *por Fernando Azevedo*  
DOIS POEMAS, *por Sophia de Mello Breyner Andresen*  
AMPARO DE MÃE, teatro, *por Jorge de Sena*  
IDEIA PARA UMA HISTORIOGRAFIA EXISTENCIAL  
DO PENSAMENTO PORTUGUÊS, *por Eduardo Lourenço*  
UM ADEUS PORTUGUÊS, poema, *por Alexandre O'Neill*  
BREVE NOTA SOBRE AS PORTAS DO ROMANCE PORTUGUÊS,  
*por Tomas Ribas*

TRÊS POEMAS, *por Alberto de Lacerda*

INQUÉRITO SOBRE ANDRÉ GIDE

*conduzido e comentado por Jorge de Sena, ao qual responderam:*

ADOLFO CASAS MONTEIRO, ANTÓNIO SÉRGIO, ALEXANDRE O'NEILL, DELFIM SANTOS,  
EDUARDO LOURENÇO, JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA, JOSÉ BLANC DE PORTUGAL, JOSÉ RÉGIO,  
VITORINO NEMÉSIO.

TRÊS HORS-TEXTES, *de Fernando Azevedo, Fernando Lemos e Vespúira*

CAPA COLECTIVA, *pelos mesmos* • LINÓLEOS, *de Vespúira*

*em Lisboa, Maio de 1951*



EDIÇÃO DO AUTOR • CORRESPONDÊNCIA PARA: TRAVESSA DO FALA-NÓ, 24 • TELEF. 22504

*Os trabalhos recolhidos nesta Antologia são da responsabilidade dos seus autores.*

Composto e impresso na IMPRENSA LIBÂNIO DA SILVA • LISBOA

## I

Unicórnio : antologia de inéditos de autores portugueses contemporâneos / org. por José-Augusto França. – Lisboa. – (Maio 1951)

BN L. 27406 V.  
BN RES. 2753 V.

- 1 FRANÇA, José-Augusto – Nota servindo de prefácio, p. 2
- 2 MONTEIRO, Adolfo Casais – Um caminho para a poesia, p. 3-10
- 3 PEDRO, António – Invocação para um poema marítimo: [poesia], p. 11-15
- 4 FRANÇA, José-Augusto – O pretexto de Azazel: precedido de A criança revol-tada & A pedra ocasional, p. 16-20
- 5 AZEVEDO, Fernando – Desenho, *hors-texte*
- 6 AZEVEDO, Fernando – Situação de pintura, p. 21-25
- 7 ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner – Dois poemas, p. 26
- 8 LEMOS, Fernando – Nu: [fotografia], *hors-texte*
- 9 SENA, Jorge de – Amparo de Mãe: peça em um acto, p. 27-37
- 10 LOURENÇO, Eduardo – Ideia de uma historiografia existencial do pensa-mento português, p. 38-44
- 11 O'NEILL, Alexandre – Um adeus português: poema, p. 45-46
- 12 RIBAS, Tomaz – Breve nota sobre as portas do romance português, p. 47-51
- 13 VESPEIRA – Desenho, *hors-texte*
- 14 LACERDA, Alberto de – Poemas, p. 52
- 15 SENA, Jorge de – Inquérito sobre André Gide, p. 53-64. Inquérito condu-zido por Jorge de Sena; respondem: Adolfo Casais Monteiro, Alexandre O'Neill, António Sérgio, Delfim Santos, Eduardo Lourenço, José-Augusto França, José Blanc de Portugal, José Régio, Vitorino Nemésio.

# BICORNIO

ANTOLOGIA DE INÉDITOS DE AUTORES PORTUGUESES CONTEMPORÂNEOS

ORGANIZADA POR

JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA



## *Incluindo*

D. A. F. DE SADE OU O ANEL DE GIGES, *por Eduardo Lourenço*

D. H. LAWRENCE, D. H. LAWRENCE, D. H. LAWRENCE...  
E UM POEMA DE D. H. LAWRENCE,  
*por Jorge de Sena*

ATENÇÃO PARA MILLER, *por José-Augusto França*

PRESENÇA, poema, *por Almada Negreiros*

UMA CARTA, *de António Pedro*

DOCUMENTÁRIO POEMÁTICO, poema, *por Fernando Lemos*

ESTUDOS PARA UM RETRATO DE LEWIS CARROLL,  
*por José Blanc de Portugal*

«POEMAS COM ROSAS», *por Alfredo Margarido*

«COMO VIVEM OS INTELLECTUAIS PORTUGUESES A SUA  
RELAÇÃO COM A CULTURA PASSADA EM PORTUGAL?»

*Inquérito conduzido e comentado por Eduardo Lourenço de Faria,  
ao qual responderam:*

ADOLFO CASAS MONTEIRO, AFOSSO BOTELEIRO, A. J. DA COSTA PIMPÃO, ÁLVARO REBEIRO,  
ANTÓNIO SÉRGIO, DELFIM SANTOS, HERNANI CIDADE, JOAQUIM DE CARVALHO, JOEL SERRÃO,  
JORGE DE SENA, JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA, JOSÉ BLANC DE PORTUGAL, JOSÉ MARINHO, JOSÉ  
RÉGIO, MIGUEL TORGA, SANT'ANA DIONÍSIO e VITORINO SEMÉRIO.

TRÊS HORS-TEXTES, *de António Pedro*

CAPA pintada *por Fernando Lemos e executada por Roberto de Araújo*  
*(Processo «Silo-Sereno»)*

LINÓLEOS, *de Fernando Amadeo*

*em Lisboa, Abril de 1952*



EDIÇÃO DO AUTOR • DEPOSITÁRIA: LIVRARIA PORTUGÁLIA, LISBOA

*Os Autores e editores desta Antologia não da responsabilidade das suas opiniões.*

Deste volume fazem uma tiragem especial de 30 exemplares numerados e rubricados pelo Organizador.

Composto e impresso na IMPRESSA LIBANIO DA SELVA, Travessa do Falo-50, 24, em Lisboa,  
para onde deve ser dirigida toda a correspondência para o Organizador.



# TRICÓRNIO

ANTOLOGIA DE INÉDITOS DE AUTORES PORTUGUESES CONTEMPORÂNEOS

ORGANIZADA POR

JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA



## *Incluindo*

[O «ORPHEU» E A LITERATURA PORTUGUESA],  
*por [Fernando Pessoa]*

«ENCONTRO DO POVO COM A POESIA»,  
*forma de José Blanc de Portugal*

«DO SURREALISMO», *por Fernando Azevedo*

«ULISSEIA ADÚLTERA», teatro, *por Jorge de Sena*  
5 POEMAS *de J. Gentil da Silva*

«O RISO», conto *por José-Augusto França*

«QUASE ELOGIO DO ROMANCE POLICIAL», *por António Pedro*  
POEMAS *de Vespela*

&

«PARA UM CONCEITO ACTUAL DE HOMEM REVOLTADO»:

«A RESPOSTA DE ANTÓNIO PEDRO»

«ESPÍRITO E REVOLTA», *por Delfim Santos*

«REVOLTA: ESCOLHA DE REVOLTADOS»,  
*por Eduardo Lourenço*

«CONSIDERAÇÕES SOBRE A REVOLTA», *por Jorge de Sena*

«PARA UMA INTEGRAÇÃO MÍTICA», *por J.-A. França*

«REVOLTA-CONTRA-REVOLTA», *por José Blanc de Portugal*

«CONDIÇÃO E DESTINO DO REVOLTADO»,  
*por José Marinho*

TRÊS HORS-TEXTES, *de Alçada Negreiros*

CAPA *deseñada por Vespela e executada por Roberto de Araújo*  
*(Processo «503-Soriano»)*

ILUSTRAÇÕES E VINHETAS, *de Fernando Lemos*

*em Lisboa, 15 de Novembro de 1952*



EDIÇÃO DO AUTOR e DEPOSITÁRIA: LIVRARIA PORTUGÁLIA, LISBOA

*Os trabalhos publicados nesta Antologia são da responsabilidade dos seus autores.*

*Desde volume houve uma tiragem especial de 50 exemplares numerados e rotulados pelo Organizador.*

*Composto e impresso na IMPRESSA LIBÂNIO DA SILVA, Travessa do Fale-50, 24, em Lisboa,  
para onde deve ser dirigida toda a correspondência para o Organizador.*

### III

Tricórnio : antologia de inéditos de autores portugueses contemporâneos / org. por José-Augusto França. – Lisboa. – (Novembro 1952)

BN L. 27408 V.  
BN RES. 2753 V.

- 30 FRANÇA, José-Augusto – [Tricórnio...], p. 2
- 31 PESSOA, Fernando – O «Orpheu» e a literatura portuguesa: (texto inédito), p. 3-12. Com uma nota de T. K.
- 32 PORTUGAL, José Blanc de – Encontro do povo com a poesia, p. 13-16
- 33 NEGREIROS, Almada – Desenho, *hors-texte*
- 34 AZEVEDO, Fernando – Do surrealismo: discussão de cinco pontos afins, p. 17-22
- 35 SENA, Jorge de – Ulisseia adúltera: peça em um quadro, p. 23-27
- 36 SILVA, J. Gentil da – 5 poemas, p. 28-30
- 37 FRANÇA, José-Augusto – O riso, p. 31-35. Com il. de Fernando Lemos.
- 38 NEGREIROS, Almada – Desenho, *hors-texte*
- 39 PEDRO, António – Quase elogio do romance policial, p. 36-41
- 40 VESPEIRA – Poemas, p. 42-45
- 41 FRANÇA, José-Augusto – [A recente publicação do último livro de Albert Camus...], p. 46
- 42 PEDRO, António – Para um conceito actual de «Homem Revoltado»: a resposta de [...], p. 47, 52
- 43 SANTOS, Delfim – Espírito e revolta, p. 48-49, 64
- 44 NEGREIROS, Almada – Desenho, *hors-texte*
- 45 LOURENÇO, Eduardo – Revolta: escolha de revoltados, p. 50-52
- 46 SENA, Jorge de – Considerações sobre a revolta, p. 53-54
- 47 FRANÇA, José-Augusto – Para uma integração mítica, p. 55-58
- 48 PORTUGAL, José Blanc de – Revolta-contra-revolta, p. 59-61
- 49 MARINHO, José – Condição e destino do revoltado, p. 62-64

# TETRACORNIO

ANTOLOGIA DE INÉDITOS DE AUTORES PORTUGUESES CONTEMPORÂNEOS

ORGANIZADA POR

JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA



MEIO SÉCULO XX DE LITERATURA PORTUGUESA:

TENTATIVA DE UM PANORAMA COORDENADO  
DA LITERATURA PORTUGUESA DE 1901 A 1950  
*por Jorge de Sena*

«ORPHEU» OU A POESIA COMO REALIDADE  
*por Eduardo Lourenço*

CARACTERIZAÇÃO DA «PRESENÇA»  
OU AS DEFINIÇÕES INVOLUNTÁRIAS  
*por David Mourão-Ferreira*

AMBIÇÕES E LIMITES DO «NEO-REALISMO» PORTUGUÊS  
*por João Pedro de Andrade*

MIL-NOVECENTOS-E-CINQUENTA  
*por José-Augusto França*

&

«QUAIS OS LIVROS QUE VALE A PENA LER?»  
«QUAIS OS LIVROS QUE VALEU A PENA ESCREVER?»  
21 respostas a um inquérito

*Ilustrações:*

TELHEIRA DE PASCOAS, DESENHO DE JAIME CORTESÃO (1910)

UM QUADRO FUTURISTA DE SANTA RITA PINTOR (1911)

«O POETA», DESENHO INÉDITO DE JÚLIO (1911)

«MENINA-LUA», ÓLEO DE VESPERA (1948)

Capa composta por Fernando Azevedo

em Lisboa, Fevereiro de 1955



EDIÇÃO DO AUTOR • DEPOSITÁRIA • LIVRARIA PORTUGAL, LISBOA

Os trabalhos recolhidos nesta Antologia são de responsabilidade dos seus autores.

Deste volume foi-se tirada uma tiragem especial de 70 exemplares numerados e rubricados pelo Organizador.

Composto e impresso na EMPRESA LITÂNIO DA SILVA, Travessa do Fato-Nº. 21, em Lisboa.

# PENTACORNIO

ANTOLOGIA DE INÉDITOS DE AUTORES PORTUGUESES CONTEMPORÂNEOS

ORGANIZADA POR

JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA

*Incluindo*

EM TORNO DO PROBLEMA DA IMPORTÂNCIA  
DOS ESCRITORES NA SOCIEDADE PORTUGUESA

*por António Sérgio*

MENSAGEM DE FINADOS

*poema de Jorge de Sena*

UM POEMA de *Ruy Cinatti*, TRÊS POEMAS de *Tomaz Kim*

PÁGINAS DO DICIONÁRIO de *António Pedro*

TRÊS POEMAS de *Alberto de Lacerda*, DOIS POEMAS de *José Terra*

MEDITAÇÃO NA PASTELARIA, *poema de Alexandre O'Neill*

TRÊS POEMAS de *Fernando Marçal*

HOMENAGEM A FREUD

*por Mario Fernandes Ferro*

\*

\* PARA UM CONCEITO ACTUAL DE MODERNIDADE: \*

PARA UMA CERTIDÃO DE ÓBITO DA MODERNIDADE

*por Adolfo Casais Monteiro*

MODERNIDADE NÃO É MODA

*por António Quadros Ferro*

MODERNIDADE E CLASSICIDADE

*por Carlos Eduardo de Soveral*

MODERNIDADE E MODO

*por Delfim Santos*

SENTIDO E NÃO SENTIDO DO MODERNO

*por Eduardo Lourenço*

DÁ MODERNIDADE E DO SEU PREÇO

*por Fernando Lemos*

SOBRE MODERNISMO, *por Jorge de Sena*

\* IL FAUT ÊTRE ABSOLUMENT MODERNE », RIMBAUD

*por José-Augusto França*

DEZ RÉIS DE MODERNO ANTIGO

*por José Blasco de Portugal*

O MODERNISMO EM PORTUGAL

*por Oscar Lopes*

\*

POST-FÁCIO A TODA A OBRA  
OU « DE PAR MA CHANDELE VERTE »

*por José-Augusto França*

TRÊS DESENHOS

de *Fernando Azevedo*, *Fernando Lemos* e *Vespeira*

CAPA de *F. Lemos*, VINHETAS de *Vespeira* e *António Pedro*

*em Lisboa, 31 Dezembro de 1956*

EDIÇÃO DO AUTOR \*DEPOSITÁRIA: LIVRARIA PORTUGAL, LISBOA

Os trabalhos recolhidos nesta Antologia são da responsabilidade dos seus autores.

Compuz e imprimiu na TIPOGRAFIA ANTÓNIO JORGE, Travessa do Cande de Nourt, 4, Lisboa  
para cada deve ser dirigida toda a correspondência para o Organizador.

## V

Pentacórnio : antologia de inéditos de autores portugueses contemporâneos / org. por José-Augusto França. – Lisboa. – (Dezembro 1956)

BN RES. 2753 V.

- 61 FRANÇA, José-Augusto – [Pentacórnio...], p. 2
- 62 SÉRGIO, António – Em torno do problema da importância dos escritores na sociedade portuguesa, p. 3-7
- 63 AZEVEDO, Fernando – Desenho, p. 8
- 64 CINATTI, Ruy – [Altos silêncios da noite...: poesia], p. 9
- 65 SENA, Jorge de – Mensagem de finados: [poema], p. 10-11
- 66 KIM, Tomaz – [Três poemas], p. 12
- 67 PEDRO, António – Algumas páginas do dicionário prático ilustrado, p. 13-15
- 68 LEMOS, Fernando – Desenho, p. 16
- 69 O'NEILL, Alexandre – Meditação na pastelaria: [poesia], p. 17
- 70 TERRA, José – [Dois poemas], p. 18
- 71 LACERDA, Alberto de – [Três poemas], p. 19
- 72 MARÇAL, Fernando – [Três poemas], p. 20
- 73 FERRO, Mário Fernandes – Homenagem a Freud 1856-1956, p. 21-27
- 74 VESPEIRA – Desenho [...] sobre o tema «O homem e a máquina», p. 28
- 75 MONTEIRO, Adolfo Casais – Para uma certidão de óbito da modernidade, p. 29-34. Dossier Para um conceito actual de modernidade.
- 76 FERRO, António Quadros – Modernidade não é moda ou a inseparabilidade do tempo e do espaço, p. 35-37. Dossier Para um conceito actual de modernidade.
- 77 SOVERAL, Carlos Eduardo de – Modernidade e classicidade, p. 38-39. Dossier Para um conceito actual de modernidade.
- 78 SANTOS, Delfim – Modernidade e modo, p. 40-41, 64. Dossier Para um conceito actual de modernidade.

Unicórnio, etc.

- 79 LOURENÇO, Eduardo – Sentido e não sentido do moderno, p. 42-45, 64. Dossier Para um conceito actual de modernidade.
- 80 LEMOS, Fernando – Da modernidade e do seu preço, p. 46-48. Dossier Para um conceito actual de modernidade.
- 81 SENA, Jorge de – Sobre modernismo, p. 49-51. Dossier Para um conceito actual de modernidade.
- 82 FRANÇA, José-Augusto – «Il faut être absolument moderne», Rimbaud, p. 52-58. Dossier Para um conceito actual de modernidade.
- 83 PORTUGAL, José Blanc de – Dez reis de moderno antigo, p. 59-62. Dossier Para um conceito actual de modernidade.
- 84 LOPES, Óscar – Sobre o modernismo em Portugal, p. 63-64. Dossier Para um conceito actual de modernidade.
- 85 FRANÇA, José-Augusto – Post-facio a toda a obra ou «de par ma chandelle verte», p. 65-70

## Índice de ilustrações

- A babugem das sedas : [desenho] / António Pedro  
24
- Compenetração estática interior de uma cabeça / Santa Rita Pintor  
54
- Desenho / Almada Negreiros  
33, 38, 44
- Desenho / Fernando Azevedo  
5, 63
- Desenho / Fernando Lemos  
37, 68
- Desenho / Vespeira  
13, 74
- Desenho inédito da série «O Poeta» / Júlio  
56
- Menina-Lua / Vespeira  
59
- Nu / Fernando Lemos  
8
- Pauzinhos da praia : [desenho] / António Pedro  
29
- Teixeira de Pascoais / Jaime Cortesão  
52
- Variações sobre um tema antigo : [desenho] / António Pedro  
21





## Índice geral

Introdução à leitura de Uni-Bi-Tri-Tetra-Pentacórnio  
1951-1956  
JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA  
7

José-Augusto França, a década de 50 e as Córnia  
MIGUEL REAL  
25

### CONVERSA COM JOSÉ RÉGIO

Post-facio  
a toda a obra ou «de par ma chandelle verte»  
JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA  
35

Breves considerações mais ou menos sensatas  
sobre a pretensa falência de uma revista  
JOSÉ RÉGIO  
43

O «Pentacórnio» e o pessimismo  
JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA  
47

Pensar «de dentro» ou «de fora»  
«para dentro» ou «para fora»  
JOSÉ RÉGIO

53

Pensar dentro e pensar fora  
JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA

57

## SUMÁRIOS | ÍNDICES

Importância dos índices de revistas  
na recuperação de informação  
MARIA JOSÉ BEATRIZ

65

I

Unicórnio: antologia de inéditos de autores portugueses contemporâneos  
Org. por José-Augusto França  
Lisboa. (Maio 1951)

69

II

Bicórnio: antologia de inéditos de autores portugueses contemporâneos  
Org. por José-Augusto França  
Lisboa. (Abril 1952)

71

III

Tricórnio: antologia de inéditos de autores portugueses contemporâneos  
Org. por José-Augusto França  
Lisboa. (Novembro 1952)

73

IV

Tetracórnio: antologia de inéditos de autores portugueses contemporâneos  
Org. por José-Augusto França  
Lisboa. (Fevereiro 1955)

75

V

Pentacórnio: antologia de inéditos de autores portugueses contemporâneos

Org. por José-Augusto França

Lisboa. (Dezembro 1956)

77

Índice onomástico

79

Índice de títulos

81

Índice de ilustrações

85



**Produção Gráfica**  
OFICINAS GRÁFICAS ERP/BN  
Novembro 2006

**Tiragem**  
500 EXEMPLARES

**Depósito Legal**  
246603/06